

A TEOLOGIA DAS FRONTEIRAS DO UNIVERSO

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho

RESUMO

Em dezembro de 2007 houve o lançamento mundial do filme “A bússola de ouro” (The Golden Compass), adaptação do blockbuster do autor inglês Philip Pullman. O objetivo do presente artigo é apresentar, em perspectiva interdisciplinar, que conjuga elementos provenientes da análise literária e da história do pensamento cristão, uma análise da referida obra. As perguntas que orientam a investigação que gera o artigo são: até que ponto são pertinentes as críticas levantadas à fantasia de Pullman? Qual é efetivamente a teologia presente na trilogia “Fronteiras do Universo”? Todavia, a principal questão que se procurará responder é: a obra pode ser considerada uma leitura às avessas do “Paraíso Perdido” de Milton?

Palavras-chave: Fantasia, religião e literatura, literatura fantástica, Paraíso Perdido.

ABSTRACT

In December 2007 there was the world launching of The Golden Compass, adaptation of the English man author Philip Pullman’s blockbuster. The goal of the present article is to present, in an interdisciplinary approach, combining elements from literary criticism and the history of Christian thought, an analysis of the referred book. The questions that guide the research that generates the present article are: Are the present criticisms relevant against Pullman’s fantasy? What is the present theology in the trilogy of “Frontiers of the Universe”, effectively? However, the main question that we will try to answer is: is the trilogy considered an upside down reading of Milton’s “Lost Paradise”?

Key-words: Fantasy, religion and literature, fantastic literature, Lost Paradise.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2007 houve o lançamento mundial do filme “A bússola de ouro” (*The Golden Compass*), adaptação do *blockbuster* do autor inglês Philip Pullman. Este é o primeiro de uma trilogia denominada no Brasil “Fronteiras do universo”. Os outros dois são “A faca sutil” (*The Subtle Knife*) e “A luneta âmbar” (*The Amber Spyglass*). Curiosamente, o título original da trilogia é *His Dark Materials*, expressão retirada do “Paraíso Perdido” (*Paradise Lost*), o famoso poema épico do poeta puritano inglês John Milton, escrito no século XVII. Esta obra literária tem despertado uma polêmica candente. Isto por supostamente conter uma agenda oculta que veicula valores e princípios anticristãos. Daí o *ponto* do presente artigo é desvendar o discurso teológico apresentado na referida trilogia. Antes porém, é preciso pensar se é teórica e metodologicamente correto falar em teologia veiculada por obra literária. Parte-se do pressuposto que sim. Quanto a isso, vale a pena reproduzir o pensamento de José Carlos Barcellos (falecido no início de 2008), um dos principais teóricos brasileiros a refletir sistematicamente sobre as relações entre teologia e literatura (e ao mesmo tempo, um dos pioneiros na pesquisa nesta interface, juntamente com Antonio Manzatto):

[...] Muito diferente é a relação que se estabelece entre teologia e literatura quando o próprio texto literário é portador de uma reflexão autenticamente teológica. Isso se dá quando as combinações sintagmáticas do texto implicam uma reformulação do subconjunto de paradigmas em que se codifica o discurso religioso ou já o próprio discurso teológico de uma dada sociedade. Assim, os processos de estranhamento empregados nos obrigam a repensar em profundidade as formas e conteúdos da fé. Nesse caso, já se faz teologia na própria literatura e precisamente a partir da estrutura lingüística que garante a esta última sua literariedade. É claro que o produto teológico daí resultante nem sempre será ortodoxo, mas nem por isso perderá seu caráter de reflexão crítica sobre o conteúdo da fé. (Barcellos, 2001, p. 69-70).

A partir da elaboração desenvolvida por Barcellos procurar-se-à verificar que conteúdos teológicos são apresentados na citada trilogia. Fica claro então o pressuposto básico deste artigo: a trilogia de Pullman, conquanto não seja uma obra de divulgação teológica propriamente, divulga e veicula

uma mensagem de conteúdo religioso. Por trás das palavras há uma agenda oculta que transmite uma mensagem de cunho teológico. Talvez esta agenda não seja tão oculta assim...

1. A FANTASIA COMO GÊNERO LITERÁRIO

O gênero literário *fantasia* é extremamente popular em praticamente todas as literaturas e culturas que se tem notícia. É sem dúvida um dos gêneros mais antigos conhecidos. Além disso, é um dos gêneros mais populares. O sucesso recente da série *Harry Potter*, de J. K. Rowling e o sucesso permanente da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien e das *Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, atestam a popularidade deste gênero¹. Com suas muitas ramificações, conforme se verá adiante, a fantasia, a despeito de sua antiguidade e de sua extravagância, não dá sinais de cansaço. O presente artigo utilizará como ferramenta teórica para entender o gênero literário da fantasia a elaboração de Tzvetan Todorov (1939), filósofo e linguísta búlgaro radicado na França, em sua elaboração a respeito do tema, explica que o fantástico acontece quando há um fenômeno diante do qual não se sabe se o mesmo aconteceu regido por leis naturais ou sobrenaturais. Todorov (1992, p. 176) declara:

A literatura fantástica de um lado representa a quinta-essência da literatura, na medida em que o questionamento do limite entre real e irreal, característico de toda literatura, é seu centro explícito. Por outro lado, entretanto, não é senão uma propedêutica à literatura: combatendo a metafísica da linguagem cotidiana, ela lhe dá vida. Ela deve partir da linguagem, mesmo que seja para recusá-la.

A fantasia é em geral de fácil identificação, ainda que os *experts* em teoria literária nem sempre concordem com sua caracterização. Uma caracterização minimalista, que engloba alguns elementos de consenso entre os teóricos, poderá indicar como marcas do gênero:

¹ Observa-se que são todos autores britânicos, como também é o próprio Philip Pullman. Também era britânico Lewis Carroll, autor das aventuras infantis da personagem Alice (*Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho*). O gosto pela literatura de fantasia é característica marcante da literatura britânica.

- Uma história ambientada em um tempo alternativo (pode ser passado ou futuro), outro mundo ou outra dimensão, paralela a que conhecemos;
- Situações que não se enquadram nem se encaixam na lógica conhecida;
- Diferentes leis que regem o mundo físico ou natural.

Estes três pontos apontam para algo que não pertence à nossa realidade. Diz Todorov: “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico” (1992, p. 31). O mesmo Todorov mais adiante afirma: “nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida, se nos prendermos aos conhecimentos comuns de cada época no tocante ao que pode ou não pode acontecer” (Todorov, op. cit., p. 40).

Conforme já afirmado, o gênero é de fácil identificação mas não de fácil caracterização. O citado Todorov aponta para as diferenças que há entre o maravilhoso, o estranho e o fantástico. Quanto ao fantástico, Todorov afirma:

O fantástico [...] antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo. Um dos grandes períodos da literatura fantástica, o do romance negro (*the Gothic novel*) parece confirmá-lo. Com efeito, distinguem-se geralmente, no interior do romance negro, duas tendências: a do sobrenatural explicado (do “estranho”, poderíamos dizer), tal qual aparece nos romances de Clara Reeves e de Ann Radcliffe. E o do sobrenatural aceito (ou do “maravilhoso”), que agrupa as obras de Horace Walpole, de L. G. Lewis e de Mathurin. Não existe aí o fantástico propriamente dito: somente gêneros que lhe são vizinhos. (op. cit., p. 48).

Outros autores apontam como tipos de subgêneros o horror e a ficção científica. Há também uma espécie de intercâmbio, com a criação do gênero (ou subgênero) que é mescla destes, a saber, a ficção científica de horror. Não se pode deixar de fazer menção ao realismo fantástico, gênero de alguma maneira aparentado com a fantasia propriamente, e que a literatura

latino-americana tem sido pródiga em produzir². Todas estas modalidades conquistaram o cinema, sendo portanto de fácil assimilação pelas grandes massas consumidoras de cultura popular. Não apenas o cinema se rendeu aos apelos de produtores astutos que viram na fantasia um rico filão a ser explorado. Nos Estados Unidos há muitos anos a fantasia é um carro-chefe do mercado literário. Na Europa, a situação não é muito diferente. São dezenas e dezenas de títulos lançados anualmente. No Brasil, ainda são poucos os escritores que se aventuram a escrever obras que se identificam como fantasia³.

Todorov apresenta um esquema didático no qual discrimina subdivisões da literatura fantástica:

Estranho puro Fantástico-estranho Fantástico-maravilhoso Maravilhoso puro

Cada subdivisão é explicada por Todorov com detalhes. Não é tarefa fácil determinar em qual destas subdivisões *A Bússola de Ouro* se enquadra. Afinal, qualquer tentativa de classificação, não importa em que área do saber aconteça, é um esforço didático, uma tentativa de explicação. É difícil encontrar tipos ideais em “estado quimicamente puro”. Todavia, talvez a subdivisão que Todorov chama “fantástico-maravilhoso”, seja a que melhor consiga explicar o romance objeto da presente investigação. O assim “fantástico-maravilhoso” é assim definido:

[...] classe das narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam por uma aceitação do sobrenatural. Estas são as narrativas mais próximas do fantástico puro, pois este, pelo próprio fato de permanecer sem explicação, não-racionalizado, sugere-nos realmente a existência do sobrenatural. O limite entre os dois será então incerto [...] (op. cit., p. 50, 58).

² *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel Garcia Marques, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1982, talvez seja o exemplo mais bem acabado de realismo fantástico (alguns autores preferem “realismo mágico” ou ainda “realismo maravilhoso”) na literatura latino-americana contemporânea. Nesta mesma linha do realismo fantástico latino-americano podem ser citados os argentinos Jorge Luiz Borges e Julio Cortazar e o venezuelano Arturo Uslar Pietri.

³ Exceções recentes são Orlando Paes Filho, autor da série *Angus*, uma ficção histórica medieval, André Vianco, autor de histórias de vampiros, e Albarus Andreos, autor da saga *A fome de Íbus*, aventuras fantásticas acontecidas em um ambiente de passado alternativo com estética medieval.

Ver-se-à adiante que a trilogia *Fronteiras do universo* combina diferentes elementos da detalhada classificação feita por Todorov. Exemplo claro é o que Todorov chama de “maravilhoso instrumental”, definido como “aperfeiçoamentos técnicos irrealizáveis na época descrita, mas no final das contas perfeitamente possíveis” (op. cit., p. 62). O “maravilhoso instrumental” no caso é a faca sutil, que dá título ao segundo volume da trilogia: uma faca capaz de cortar qualquer elemento físico ou metafísico, material ou espiritual, capaz de abrir janelas entre dimensões paralelas. Esta faca fantástica teria sido confeccionada séculos atrás em uma dimensão paralela à nossa por um grupo de cientistas-filósofos, e teria a capacidade de matar o próprio Deus (*A faca sutil*, p. 251). Outros exemplos do “maravilhoso fantástico” aparecem em *A luneta âmbar*, o último livro da série. A própria luneta, que dá título ao livro – trata-se de uma luneta confeccionada pela Dra. Mary Malone, uma física do nosso mundo, que consegue ir para outra dimensão habitada por seres inteligentes e falantes, semelhantes a elefantes, que se locomovem não com patas, mas com rodas. A luneta permite que a citada personagem veja as “Sombras”, misteriosas partículas formadoras de tudo que há em todos os mundos (chamadas de “Pó” nos outros livros da série). Dra. Malone conseguia se comunicar com as “Sombras” usando o *I Ching*, da religião tradicional chinesa (esta não é apresentada como perpetradora de crueldades como o cristianismo). O outro elemento do “maravilhoso fantástico” é a “nave da intenção”, que também aparece na última parte da trilogia – uma nave de combate que se move com a força do pensamento de quem a pilota.

Em suma: a literatura fantástica em todos os tempos tem sido de grande apelo popular. Philip Pullman por um lado segue a tradição britânica de privilegiar este gênero. Ao mesmo tempo, consegue inovar – e radicalizar – por completo, como se verá adiante.

2. SÍNTESE DA NARRATIVA

Pullman conta uma longa narrativa, em três volumes, desiguais em tamanho. O primeiro tem 368 páginas, o segundo 300 e o último, 562. A primeira parte, *A bússola de ouro* (*The Golden Compass*) se passa em um mundo extremamente semelhante ao nosso. Na verdade, é outro mundo, localizado em outra dimensão. O mundo que conhecemos e o que serve de palco para as aventuras da primeira parte da narrativa são quase cópia

um do outro. Todavia, o ambiente temporal da história parece estar em um passado, não muito remoto. Há uma Oxford, onde se fala inglês e onde há uma universidade famosa do mesmo nome. Há uma ilha de Svalbard, um Ártico e uma Sibéria no extremo norte do planeta⁴. Mas há algumas diferenças curiosas: a Dinamarca é “Nova Dinamarca” e o Brasil é “Alto Brasil”. No extremo norte há ursos que falam e bruxas que voam em galhos de árvores. Mas este mundo é habitado por humanos. A diferença mais notável está nos *dimons*⁵ – o *dimon* é literalmente a alma de cada pessoa, que se manifesta corpórea e visivelmente em forma de animal. *Dimons* de crianças mudam de forma, capacidade que se perde quando as crianças chegam à puberdade. O *dimon* revela algo da personalidade de seu possuidor. Servos costumam ter *dimons* em forma de cães, enquanto aventureiros têm *dimons* em forma de animais ferozes como leopardo ou lobo. Outra característica do mundo que é palco desta narrativa é que a história não é exatamente paralela à história do nosso mundo. O Vaticano por exemplo, não está localizado em Roma, mas em Genebra. Parece que a Reforma Protestante jamais aconteceu, pois João Calvino é citado como tendo sido um papa. Neste sentido, pode-se dizer que Pullman faz uma mescla de catolicismo romano com protestantismo. O cristianismo nunca é citado como tal. Mas há várias referências à igreja – que na obra, é chamada de *Magistério* (algumas vezes é usada a forma *Magisterium*). A igreja é apresentada nem tanto como um organismo eclesiástico propriamente, mas como um gigantesco Tribunal da Inquisição (cf. *A faca sutil*, p. 40; 250-251), que século após século realiza crueldades indescritíveis contra quem se lhe opõe, em nome do que é chamado de “seu deus cruel” (*A faca sutil*, p. 253). Uma das carreiras acadêmicas de maior prestígio nas universidades desta dimensão é “Teologia Experimental”, que na verdade, mais se parece com Física que com qualquer outra coisa (cf. p. ex., *A faca sutil*, p. 187 – os “teólogos experimentais” praticamente não debatem sobre questões doutrinárias – antes, realizam experiências empíricas).

⁴ O título original de A bússola de ouro é *The Northern Lights*, referência ao fenômeno da aurora boreal, visto apenas no extremo norte da Terra.

⁵ A palavra *dimon* usada por Pullman tem assonância óbvia com a palavra grega δαίμων – *daemon*. No grego do Novo Testamento *daemon* significa “demônio”, um espírito maligno. Mas na antiga religião grega a palavra era usada em sentido diferente: *daemons* eram espíritos que poderiam ser bons ou maus, e estavam entre os homens e os deuses do Olimpo.

Toda a narrativa da primeira parte da trilogia se dá ao redor de outro representante do “maravilhoso instrumental” de Todorov: a “bússola” que dá título ao livro. Trata-se de um instrumento chamado *aletiômetro* – palavra derivada da palavra grega ἀλήθεια (*alethéia*), que significa “verdade”. O ale-tiômetro permite a quem sabe decifrar seus símbolos, descobrir a verdade sobre todo e qualquer assunto. Uma menina chamada Lyra Belacqua revela-se capaz de manejar o ale-tiômetro. Vai ser por isso perseguida pela Sra. Coulter, mulher de personalidade forte e de grande espírito de liderança, mas também tremendamente inescrupulosa e mentirosa. A garota tem que levar o ale-tiômetro a seu tio (mais tarde, descobre-se que Asriel e Marisa Coulter são na verdade o pai e a mãe da menina Lyra), Lorde Asriel, catedrático de uma tal Faculdade Jordan na Universidade de Oxford daquela dimensão paralela. Lorde Asriel é um personagem complexo: arrogante, cheio de si, com uma autoconfiança inabalável, total e completamente insensível às pessoas à sua volta e suas necessidades. É movido por um pragmatismo a toda prova, pois não tem o menor peso na consciência de destruir seja o que for ou matar seja quem for para alcançar seus objetivos. Não se pode deixar de observar que o nome “Asriel” parece ser derivado de “Azrael”, o anjo da morte no folclore judaico e no Islã (cf. Davidson, 1994, p. 64-65). O nome Azrael em hebraico significa “aquele a quem Deus ajuda”. A importância do personagem não é muito bem definida em *A Bússola de Ouro*. Mas à medida que a história prossegue, em *A faca sutil* e mais ainda em *A luneta âmbar*, fica claro qual é seu propósito: não é lutar contra o Magistério, mas contra quem está por detrás deste, ou seja, o próprio Deus – chamado na narrativa de *A Autoridade*. Lorde Asriel reúne e lidera um incrível exército, formado por homens, anjos rebeldes (jamais chamados de demônios), bruxas e outras criaturas formidáveis inexistentes em nossa dimensão, em sua empreitada para chegar à habitação divina, destronar e destruir a *Autoridade* (*A faca sutil*, p. 47-48; 185). Quanto aos anjos citados como inimigos da *Autoridade*, observa-se que Pullman os chama de *bene elim*, hebraico para “filhos de Deus” (*A faca sutil*, p. 298). Conforme a narrativa de *A faca sutil*, “já aconteceu uma coisa (i.é, guerra) parecida, e desta vez o lado certo tem que vencer... Durante todos os milhares de anos da história humana, só tivemos mentiras, propaganda, crueldade e hipocrisia. Está na hora de começar de novo, mas desta vez da maneira certa...” (p. 294). Este ponto da narrativa de Pullman confirma a hipótese operacional deste artigo, qual seja a de que a trilogia *Fronteiras do Universo* é uma recontagem – às avessas – do

Paraíso Perdido, de John Milton. O personagem Lorde Asriel é claramente calcado no Satã de Milton, o anjo rebelde que planeja destronar Deus e fundar uma espécie de república no céu. A *Autoridade* é descrita como não mais se ocupando dos destinos dos mundos. Esta tarefa foi designada ao anjo *Metatron* (*A luneta âmbar*, p. 39). Na tradição judaica, Metatron é o “anjo do semblante”, aquele que contempla o semblante do próprio Deus (Graham, 1975, p. 69). Curiosamente, não há referências a Metatron nem na Bíblia no Islã. O que se sabe a seu respeito vem do Talmude (compilação da tradição oral judaica), do apócrifo Livro de Enoque e de alguns textos místicos judaicos da Idade Média. Enoque, um antepassado de Noé, é citado na Bíblia em Gn 5,21-24: “Enoque estava com 65 anos quando Matusalém, filho dele, nasceu. Depois viveu mais 300 anos – como amigo de Deus. Teve filhos e filhas. Viveu ao todo 365 anos, sempre em comunhão com Deus. E então Enoque desapareceu da terra! Porque Deus levou Enoque para Ele!” (A Bíblia Viva). O Livro de Enoque narra como o personagem título, após ter sido trasladado, foi transformado no anjo Metatron. Na trilogia de Pullman, Metatron é o Anjo Regente, imediatamente abaixo da própria Autoridade. É curioso observar que Pullman veicula em sua trilogia uma teologia que é tributária mais do judaísmo que do cristianismo, pois quase não há em sua obra nenhuma referência, citação, alusão ou eco a Jesus Cristo. Há igrejas, padres, freiras, mas não se faz menção a símbolos cristãos tradicionais, dos quais a cruz evidentemente é o mais famoso e conhecido. Uma única referência mais explícita neste sentido aparece apenas em *A luneta âmbar*, quando se fala da Dra Mary Mallone, física do nosso planeta que consegue chegar às dimensões paralelas em que se passa a história. Dra. Mallone é apresentada como inglesa e como tendo sido em sua juventude freira católico-romana. Em seu depoimento com cores autobiográficas, Dra. Mallone fala que já não conseguia mais crer em Jesus – esta é a única vez em toda a trilogia na qual se faz referência a Jesus. Pullman conduz a narrativa de maneira tal a levar seus leitores a torcer pelo sucesso da empreitada de Lorde Asriel, e conseqüentemente, pela derrota de Metatron e da Autoridade – esta, a propósito, é sempre chamada de “o Inimigo”. O Magistério é apresentado de maneira caricata, como formado por pessoas cruéis e impiedosas, sem qualquer escrúpulo, capazes de qualquer coisa para alcançar seus objetivos. Em *A faca sutil* Pullmann sugere uma inclinação à pedofilia por parte de um sacerdote ortodoxo russo. Esta é sem dúvida a visão que Pullman tem de quem professar a fé cristã. Não há em nenhum momento ao longo de suas

mais de 1100 páginas nem ao menos uma vez uma visão positiva de quem professe o cristianismo. Os cristãos para Pullmann são personagens planos ou “chapados”, isto é, estereotipados ao extremo⁶. Não há neles qualquer zona cinzenta entre o bem e o mal – antes, só há o mal. Conclui-se que, para o autor, não há diferença entre ortodoxo oriental, católico-romano ou protestante reformado – todos são cristãos, e portanto, indignos de confiança, respeito ou consideração. No último volume, Lyra e seu amigo, o menino Will (um menino da nossa dimensão que vai para a dimensão de Lyra) vão ao mundo dos mortos. Lyra sente-se culpada pela morte de Roger, outro amigo de sua dimensão. Lá, descobrem que todos os mortos são atormentados diuturnamente por harpias, seres fantásticos da mitologia grega, que estão a serviço da “Autoridade”: seu serviço é lembrar aos mortos o tempo de todas as falhas que cometeram em vida. Desnecessário dizer que esta é uma visão totalmente contrária à teologia cristã. Conforme o dado bíblico, Deus é apresentado antropomorficamente como aquele que “se esquece” dos pecados cometidos (cf. Mq 7,19). O diabo é que é apresentado como o “acusador” – aliás, este é o sentido do nome “satanás” (cf. Ap 12,10). No fim do livro, acontece uma grande batalha entre as forças comandadas por Lorde Asriel e as forças da “Autoridade”, que têm no anjo Metatrom seu comandante. As forças da “Autoridade” e do “Magistério” são derrotadas. Metatrom morre em combate singular com Lorde Asriel e Marisa Coulter. A própria Autoridade morre, de maneira absolutamente patética, como um velho extremamente caquético e senil. No fim, Lyra Belacqua fala do seu desejo de levar adiante sua empreitada de construir na terra mesmo, em todos os mundos e dimensões, a “república do céu”, desejada por Lorde Asriel.

3. OBSERVAÇÕES LITERÁRIAS E TEOLÓGICAS

A obra em questão foi bastante elogiada, tendo inclusive recebido prêmios literários importantes. O periódico *New Statesman* comparou Pullman a Lewis Carroll, E. (Edith) Nesbit, C. S. Lewis e a J. R. R. Tolkien. Trata-se de uma comparação exagerada. Indubitavelmente a narrativa de Pullman não merece tal encômio. A narrativa de Pullman não se compara a dos seus citados compatriotas. Na verdade, está muito longe disto. A série de Pullman

⁶ Quanto à caracterização literária de personagens planos consultar, inter alia, Gancho (2001, p. 16).

é perturbadora. É apresentada como voltada para um público infanto-juvenil. Analisada por uma perspectiva da fé cristã, a trilogia é pedagogicamente inquietante. Que efeitos poderá ter em uma mente de uma criança ou adolescente em formação? Quanto ao aspecto teológico propriamente, há certo muito que criticar. Alguns elementos que merecem destaque serão apresentados a seguir de maneira pontual. Os pontos que serão apresentados fazem parte do que C. S. Lewis (2005) chamou de “mero cristianismo” ou “cristianismo puro e simples”, ou seja, o patrimônio da fé cristã que é comum a todas as confissões cristãs, sem qualquer particularização específica.

3.1. O uso da Bíblia, o conceito de Deus e a ausência de Jesus Cristo

A começar pelo principal: o uso que Pullman faz da Bíblia. Pullman de certo conhece textos bíblicos. Mas faz um recorte, uma opção metodológica no mínimo, questionável. Ele não apresenta nenhum texto que fala sobre o amor como atributo divino. A única definição de Deus encontrada nas Escrituras é a singela, mas poderosa descrição de 1Jo 4,8 que diz “Deus é amor”. Em *A luneta âmbar*, Deus é apresentado como o mais velho dos seres de todos os mundos. A apresentação de Deus que Pullman faz é a caricatura das caricaturas. Curiosamente, Deus nunca fala. Nas duas cenas em que aparece, é mostrado balbuciando sons sem sentido para si mesmo. Não há menção ao Deus que salva em e por meio de Cristo Jesus. Tudo aponta para o fato da seqüência ter sido escrita como um libelo antieclesiástico, e mais ainda, como um ataque contra o teísmo. Mas o mais estranho na obra de Pullman é a quase completa falta de referências a Jesus Cristo. O nome de Jesus é citado *en passant* duas breves vezes apenas, no final de *A luneta âmbar*, citações que efetivamente não têm grande importância no contexto da narrativa. É estranho, se levar em consideração que a teologia cristã, ortodoxa, católico-romana e protestante, comunga a crença em Jesus Cristo como o revelador de Deus (Jo 1,18), aquele em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl 2,9). Vale lembrar a conhecida frase de Tertuliano: “em Jesus vemos Deus como ele é, e o homem como deveria ser”. A partir do momento que Pullman faz sua opção por eliminar toda e qualquer referência a Jesus Cristo, elimina a mensagem bíblica sobre a graça, o favor imerecido da parte de Deus, conforme a magistral definição de Agostinho. Não há menção ao rosto amoroso e bondoso de Deus que

se nos revela na face humana de Jesus. Não há menção ao Deus que, em Cristo, se faz solidário com a humanidade sofredora. Não há menção ao Deus que, ao contrário do ensino de toda e qualquer tradição religiosa de todos os tempos e em todos os lugares, se entrega e se permite morrer nas mãos dos homens em uma cruz, no “lixão” de uma cidade da periferia do mundo. Pullman constrói uma visão de Deus que é pagã, e não cristã. A partir de um referencial teológico cristão, forçosamente haverá que se rejeitar o conceito de Deus construído por Pullman.

3.2. A história da igreja

Os integrantes do *Magistério* na visão de Pullman são todos, conforme já apresentado, sem exceção, maus, inescrupulosos, cruéis e impiedosos. Esta apresentação sem dúvida é caricata. A história do cristianismo mostra que houve de fato a atuação do Tribunal da Inquisição, e que devido a este Tribunal, aconteceu um sem número de injustiças. Mas é um equívoco de lógica (e de avaliação da história) julgar o todo pela parte. A história do cristianismo evidentemente é muito mais que a história da Inquisição. A história do cristianismo apresenta um incontável número de exemplos de cristãos que se desgastaram (e se desgastam) em amor ao seu semelhante, em serviço abnegado ao próximo, nos recantos mais inóspitos do planeta. Isto é simplesmente um fato – e “contra fato não há argumento”, bem diz a sabedoria popular. Não se trata de uma abordagem romântica e idealizada da história das missões cristãs. Pullman convenientemente prefere ignorar exemplos como Francisco de Assis, William Wilberforce, Dietrich Bonhoeffer, Martin Luther King Jr., Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, e uma legião inumerável de cristãos e cristãs sem nome, cujas vidas levam às últimas conseqüências o mandamento bíblico que ordena amar o próximo como a si mesmo, expresso já na Torá (Lv 19,18), reatualizado no Evangelho (Mt 18,19; 22,39; Mc 12,31; Lc 10,27) e presente na reflexão das primeiras comunidades cristãs (Rm 13,9; Gl 5,14). Tudo leva a crer que a omissão de Pullman de aspecto tão importante da história da igreja cristã é deliberado. A pergunta óbvia que surge é: por quê? Por que um ataque tão ferrenho desferido contra todos os cristãos, de todas as confissões e de todas as épocas?

3.3. Universos paralelos

A obra de Pullman depende muito do conceito de mundos ou dimensões paralelos, que existiriam, mas não seriam do nosso conhecimento. Esta é uma hipótese há muito explorada pela ficção científica. Todos os mundos imaginados por Pullman são regidos pela *Autoridade*. E em todos estes mundos há seres dispostos a tudo para derrubá-la. O que a teologia cristã pode dizer a respeito? O Credo Niceno (325) declara em seu primeiro parágrafo: “Cremos em um Deus, o Pai, Todo poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”. O Credo certamente faz eco ao texto de Gn 1,1 (“No princípio criou Deus os céus e a terra”). Talvez seja temerário afirmar que os pais que formularam o Credo crescem em dimensões paralelas. Afinal, as cogitações em torno desta hipótese (que não foi de modo algum confirmada) são muito recentes, advindas somente a partir de avanços no conhecimento na área de física quântica. Não obstante, é possível afirmar, com certeza, que o Credo aponta para a crença no cuidado amoroso, soberano e providente do Criador em relação “a todas as coisas, visíveis e invisíveis”, existam ou não outros mundos ou dimensões. O que não pode ser afirmado, a partir da teologia cristã, é a crença de Pullman de um Deus que é sempre tirano cruel sobre todos os mundos e dimensões.

3.4. Anjos

Os anjos ocupam papel importante na trilogia. Os anjos de Pullman têm asas – algo que simplesmente inexiste no texto bíblico. A idéia de anjos com asas vêm de pintores renascentistas italianos, como Rafael (Raffaello Sanzio, 1483-1520), cujos anjos que pintou como meninos bochechudos de cabelo encaracolado e asas nas costas, ficaram famosos. Esta imagem por sua vez é baseada na descrição do Cupido romano (o mesmo Eros grego), não na Bíblia. Os anjos de Pullman são na verdade humanos com superpoderes. Não são seres espirituais propriamente, pois se alimentam (*A luneta âmbar*, p. 33), têm sexo (Pullman descreve dois anjos masculinos, Baruch e Balthamos, que vivem um milenar romance homossexual, e pelo menos um anjo feminino, a quem dá o nome de Xaphania), são feridos e morrem. Enfim, os anjos de Pullman não são muito diferentes dos humanos. Há que se notar entretanto que sua descrição é totalmente diferente do relato bíblico, que indica serem os anjos “espíritos ministradores, enviados para

serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1,14, Bíblia Edição Revista e Atualizada no Brasil).

3.5. Soberania e providência

A teologia cristã é clara em afirmar que Deus é soberano e providente. Isto não se constitui de modo algum em negação da responsabilidade moral que os seres humanos têm por suas ações, decisões e omissões. Por isso, sem embargo desta responsabilidade, teólogos cristãos, pelo menos desde Agostinho, afirmam uma visão teleológica da história. A visão escatológica cristã é informada pela crença no Deus que é soberano e providente. Além disto, a soberania e providência divinas são amorosas. Nas Escrituras, Deus jamais é apresentado como uma divindade caprichosa e sádica que se diverte à custa dos sofrimentos que impõe aos seres humanos. Esta é a visão que Pullman apresenta em sua trilogia.

CONCLUSÃO

É provável que em breve sejam lançados os outros dois filmes, completando assim a série iniciada com *A Bússola de Ouro*. Os aspectos críticos e assumidamente anticristãos do livro foram do livro, ou mesmo totalmente eliminados. Muito provavelmente o mesmo acontecerá com os outros dois filmes, caso estes venham mesmo a ser produzidos. Hollywood não quer entrar em rota de colisão frontal com setores organizados e bem estabelecidos do cristianismo institucional, como o Vaticano, no caso da Igreja Católica Romana, ou organizações paraeclesiásticas, no caso de igrejas evangélicas estadunidenses. Quanto aos livros, o que em suma pode ser dito é que de alguma maneira Pullman se inspirou no *Paradise Lost* de John Milton e o recriou de maneira perversa: enquanto Milton era um cristão puritano, Pullman é assumidamente anticristão. Milton em sua obra quer apresentar pela via da literatura como Deus é soberano até sobre o mal. Pullman recria e reconta a história, mas com a vitória do seu Lorde Asriel que, como visto, é um personagem nitidamente inspirado no Satã de Milton. Curiosamente, o fim da trilogia é um tanto aberto e inconclusivo. A “república do céu” não foi construída na terra após a derrota das forças da Autoridade. Pullman parece dizer que não sabe o que vai acontecer se Deus morrer, mas prefere acreditar que qualquer coisa é melhor que a existência de Deus. Contra uma

perspectiva tão cheia de amargura e ressentimento, é preferível relembrar a já citada definição bíblica que afirma: “Deus é amor”.

*Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho
Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de
São Paulo. É professor na Escola Superior de Teologia e Coordenador
do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universi-
dade Presbiteriana Mackenzie/SP. ccaldas@mackenzie.br*

BIBLIOGRAFIA

- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e espiritualidade**. Bauru: EDUSC, 2001
- DAVIDSON, Gustav. **Dictionary of Angels. Including the Fallen Angels**. Roseburg: Free Press, 1994
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Série Princípios. São Paulo: Ática7ª edição, 2001
- GRAHAM, Billy. **Anjos. Agentes secretos de Deus**. Rio de Janeiro: Record, 4ª edição, 1975
- LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- PULLMAN, Philip. **A bússola de ouro**. Fronteiras do Universo, Volume 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- _____. **A faca sutil**. Fronteiras do Universo, Volume 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- _____. **A luneta âmbar**. Fronteiras do Universo, Volume 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2ª edição, 1992